

PSDB PERTO DE EMPLACAR UM ALIADO NA PRESIDÊNCIA DO PARTIDO, DORIA PRETENDE MOLDAR O TUCANATO À SUA IMAGEM E SEMELHANÇA

RIO DE JANEIRO O GOVERNADOR WILSON WITZEL OSCILA ENTRE A BARBÁRIE BOLSONARISTA E O TALENTO DE ARTICULADOR POLÍTICO



Carta Capital

cartacapital.com.br

EDITORA CONFIDANÇA

LEIA TAMBÉM CARTACAPITAL NO TABLET E NO CELULAR



QUEM MANDA É O CENTRÃO

RODRIGO MAIA É O ROSTO DA TRAMA PARLAMENTAR QUE LEVA BOLSONARO A CHAMAR A ULTRADIREITA PARA AS RUAS

REPORTAGEM DE CAPA

Todo o poder ao Congresso

O PARLAMENTARISMO "BRANCO" DOMINA A CÂMARA, O FORMAL É NEGOCIADO NO SENADO. PARA SOBREVIVER, BOLSONARO CONTA COM OS RADICAIS NAS RUAS E AS MILÍCIAS DIGITAIS, MAS A ECONOMIA E O CASO QUEIROZ O FRAGILIZAM

por ANDRE BARROCAL

O domingo 26 é de bolsonaristas nas ruas. Seu líder vive dias tensos, com protestos por mais verba à educação e devassa na vida do filho Flávio. Até cogitou ir aos atos de seus apoiadores, mas resolveu ficar em casa, e pediu o mesmo a seus ministros. Os primeiros chamados para as manifestações, ali por 10 de maio, mostravam a extrema-direita em estado bruto. A favor de fechar o Congresso e o Supremo Tribunal Federal, tidos como obstáculos a Jair Bolsonaro. O ex-capitão botou lenha na fogueira uma semana depois, ao passar adiante, por WhatsApp, um texto escrito por um funcionário da CVM e ex-candidato a vereador no Rio, Paulo Portinho, de 46 anos, segundo o qual o Brasil é "ingovernável" sem "conchavos" parlamentares e judiciários, e que Bolsonaro "provou isso". Seria um gesto presidencial a preparar uma saída à Jânio Quadros, que renunciou em 1961



Sem conchavos, o Brasil é ingovernável, pontifica Portinho

a culpar "forças terríveis"? Ou seria uma aposta na radicalização nas ruas?

O tamanho da tropa disposta a marchar por Bolsonaro é decisiva para a sobrevivência dele no cargo. Poder, contudo, o presidente já perdeu. Aos poucos, e não é de agora, instalou-se em Brasília um parlamentarismo informal, com o dito "Centrão", massa partidária direita e fisiológica, de rédeas na mão. No papel de primeiro-ministro, o deputado carioca Rodrigo Maia, do DEM, comandante da Câmara, que é a porta de entrada e de

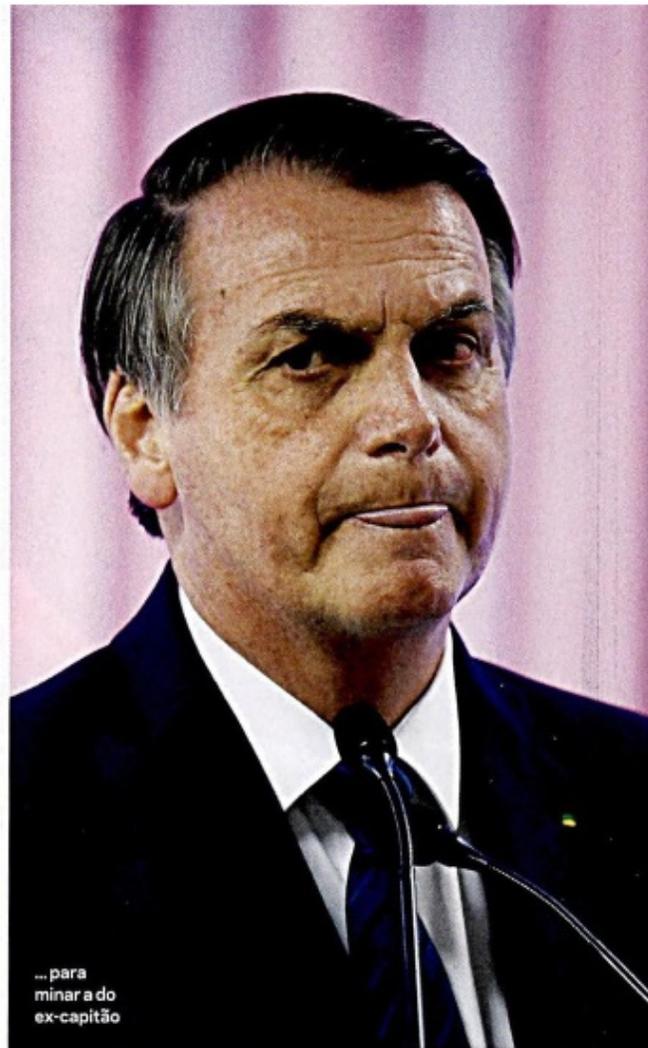
saída dos projetos enviados pelo governo ao Congresso, que é onde se decide abrir *impeachments*. Em sintonia com Maia, o Centrão age para aumentar sua própria força e para minar a de Bolsonaro.

Uma reforma tributária preparada fora do governo foi posta para andar na Câmara. A obrigação de o governo gastar o dinheiro colocado no orçamento para obras estaduais está no forno. Idem para restrições ao uso de Medidas Provisórias (MPs) pelo presidente, com a ressurreição na Câmara, na surdina, de uma proposta de 2011 de José Sarney. A convocação do ministro da Educação, Abraham Weintraub, ao plenário da Câmara para debater o corte de verba das universidades federais no dia dos protestos estudantis foi uma realização do Centrão em parceria com a oposição. Dobradinha igual à feita em fevereiro na derrubada de um decreto que ampliava as possibilidades de o governo esconder informações.

Enquanto isso, no Senado, há quem trabalhe pelo parlamentarismo formal. Fã da ideia, o tucano paulista José Serra



O Centrão
aumenta
a sua força...



... para
minar a do
ex-capitão

colhe assinaturas de colegas para tentar mudar a Constituição. O assunto surgiu em um almoço, na quarta-feira 22, na casa do presidente do Senado, Davi Alcolumbre, do DEM do Amapá. No plano de Serra, o sistema seria adotado oito anos após o povo aprová-lo. O referendo popular ocorreria na eleição municipal de 2020 ou na presidencial de 2022. Detalhe: nas duas vezes em que a ideia foi submetida à população, na forma de plebiscito, em 1963 e 1993, tomou uma surra. Ao buscar assinaturas, assessores serristas foram perguntados se ele toparia um acordo para não mexer na exigência de referendo e de carência de oito anos. Sem o compromisso, o debate enfraqueceria Bolsonaro ainda mais, ao oferecer um caminho para tirá-lo do poder. Nada feito.

A oposição progressista, formada por PCdoB, PDT, PSB, PSOL e PT, assiste a tudo em crise existencial. Não se uniu

totalmente após a eleição. O pedetista-Ciro Gomes bate sem parar em Lula. Hoje, os oposicionistas não veem como sindicatos, estudantes e movimentos sociais de modo geral seriam capazes de impedir que as elites políticas e econômicas arrumem por conta própria uma solução para Bolsonaro. Para um petista graúdo, desenha-se um desfecho em

**O VOLUME DA
TROPA RADICAL
DISPOSTA A
MARCHAR POR
BOLSONARO É
DECISIVO PARA SUA
SOBREVIVÊNCIA**

que as investigações do caso Queiroz-Flávio Bolsonaro serão usadas para forçar o presidente a repetir Jânio.

Enquanto esse dia não chega, Bolsonaro sofre com o parlamentarismo informal. Na quarta-feira 22, viu os deputados tirarem o Coaf, órgão de vigilância de movimentações bancárias suspeitas, de Sérgio Moro, o ministro da Justiça. Foi apertado, 228 votos a 210. O destino do Coaf integra a MP 870, que reduziu o número de ministérios e teve a votação interrompida devido a uma briga entre Centrão e PSL, partido de Bolsonaro e dos laranjas. O motivo foi a discussão sobre permitir ou não que a Receita Federal mande sem aval judicial informações fiscais suspeitas ao Ministério Público. O PSL quer, para combater a corrupção. O líder do DEM, o

REPORTAGEM DE CAPA

Serra tornou-se
parlamentarista

baiano Elmar Nascimento, foi à loucura. “Puxem a folha corrida de vossas excelências. Eu não mexo com laranja. Eu não tenho plantação de laranja. Eu não me escondo da Justiça”, disse. Seu partido, afirmou, quer ajudar o governo na economia, “agora, pauta de perseguição às pessoas que pensam diferente, pauta para perseguir homossexual, pauta de uso de arma, essas não terão o nosso apoio”.

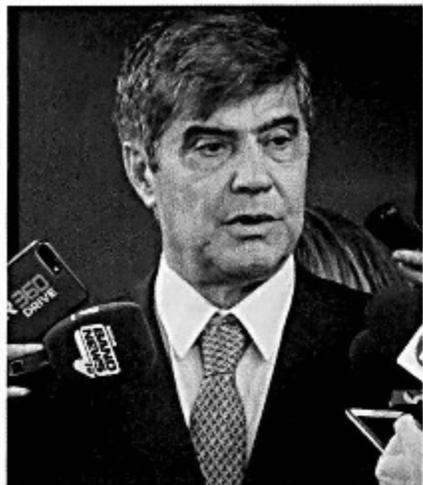
No tumulto, Maia encerrou a sessão. Ele iniciou a carreira de economista em banco, é um neoliberal. Adora Paulo Guedes, o ministro da Economia. Diz e repete que a reforma da Previdência é prioridade. Nesse tema, há quem não queira deixar Bolsonaro colher eventuais louros. O deputado-sindicalista Paulinho, presidente do Solidariedade e uma voz do Centrão, foi explícito no 1º de Maio: “Precisamos de uma reforma da Previdência que não garanta a reeleição do Bolsonaro”, disse. “O semiparlamentarismo tem um problema: a agenda econômica do Maia é igual à do governo. Por que o Centrão vai votar medidas impopulares, como a Previdência, se não recebe cargos e emendas como compensação?”, diz o deputado Glauber Braga, do PSOL do Rio.

Mesmo admirador de Guedes, Maia preocupa-se com a economia, tema capaz de contaminar a imagem de todo mundo em Brasília. Acha que a reforma da Previdência não fará milagre. E age como primeiro-ministro, como se viu no mais importante evento anual da indústria da construção, dia 17, no Rio. “Vamos deixar bem claro para a sociedade que a Câmara e o Senado terão uma agenda muito racional, muito

objetiva de reestruturação do Estado brasileiro”, afirmou na ocasião. Para ele, são necessárias ações rápidas, de curto prazo, conforme comentou publicamente na terça-feira 21. “Há uma crise econômica que, infelizmente, já atinge a sociedade brasileira, já aumenta o desemprego, a pobreza.”

As previsões de crescimento em 2019 só pioram. O sistema financeiro ouvido toda semana pelo Banco Central

O Centrão
tirou o Coaf do
ministro Moro



Wellington Roberto, Elmar Nascimento, Marcos Pereira, Baleia Rossi e Arthur Lira: a trupe que manda com Maia

economista Afonso Celso Pastore, presidente do BC na ditadura. Tese defendida há tempos por um economista de linha oposta, João Sicsú, da UFRJ.

A pesar do alinhamento a Paulo Guedes, Maia é avesso ao extremismo de direita do bolsonarismo. Quando houve um massacre numa escola em Suzano, no interior paulista, disse que segurança pública é dever no Estado, não para se resolver com o povo de arma na mão. Irrita-se com as milícias digitais bolsonaristas, motivo de estimular um deputado do DEM a coletar assinaturas para uma CPI das *Fake News*. Até contratou um ex-funcionário do vereador Carlos Bolsonaro para ajudá-lo a identificar ataques na *web* e reagir. Dia 14, Maia esteve em Nova York com Alcolumbre e o presidente do Supremo, Dias Toffoli, em um evento ao qual o prefeito da cidade, Bill de Blasio, negou a presença de Bolsonaro. O trio posou para foto com o presidente do Bank of America no Brasil, Eduardo Alcalay. Um bolsonarista empresário sino-brasileiro,

(BC) aposta em 1,2%. Na terça-feira 21, a OCDE, clube de países ricos e simpatizantes ao qual o Brasil quer aderir, cortou de 1,9% para 1,4%. Um dia depois, o próprio governo baixou sua estimativa, de 2,2% para 1,6%. A confiança dos industriais recuou em maio pelo quarto mês seguido. O desemprego sobe. Para 12,7% em março, 13,4 milhões de vítimas. Sem emprego, a desigualdade aumenta e quem paga são os pobres. Em março, a concentração de renda atingiu o maior patamar em uma pesquisa feita desde 2012 pela FGV. Diante da estagnação da renda *per capita* desde 2017, pode-se dizer que o Brasil vive uma depressão, segundo o

MAIA GOSTA DEMAIS DE PAULO GUEDES E DIZ QUE A REFORMA DA PREVIDÊNCIA É A PRIORIDADE. MAS ESTA, SEGUNDO O PRESIDENTE DO SOLIDARIEDADE, NÃO PODE FAVORECER O EX-CAPITÃO

MOBEIRA MARIZIAG. SENADO. GILMAR FELIX. GUSTAVO LIMA E LULA MARQUESIAGPT

REPORTAGEM DE CAPA

Winston Ling, fez circular a foto como se Alcalay fosse De Blasio e a mensagem de que todo mundo ali sabota o ex-capitão.

Maia está uma fera com o líder do governo na Câmara, o major Vitor Hugo, do PSL de Goiás, devido a uma dessas imagens que correm a internet, os memes. Em março, Hugo passou adiante um meme a associar Congresso e saco de dinheiro. Maia cortou relações com ele ali. Trata-se de um líder que ninguém leva a sério. Hugo combinou com Bolsonaro de o presidente receber Elmar Nascimento e o líder do PP, Arthur Lira, de Alagoas, um dos porta-vozes do Centrão. No dia marcado, 14 de maio, a dupla não apareceu. Disse que não havia mais sentido e interesse. Deputado recusar encontro com o presidente (qualquer um) é sinal de que a coisa vai mal.

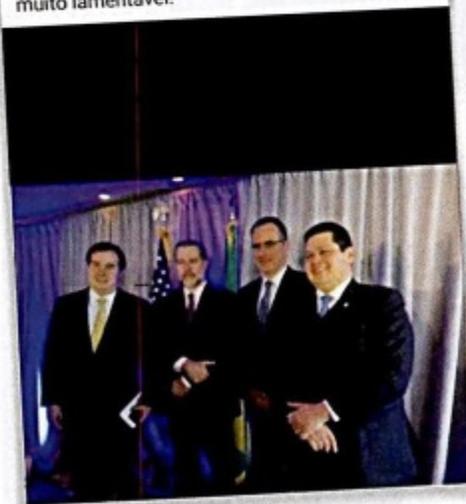
No Congresso, todo mundo acha Bolsonaro um caso perdido, que a má relação dele com os parlamentares não tem mais conserto e que os partidos não querem mais participar do governo, tamanha foi a demonização da “velha política”. Foi o que disse no início de maio o deputado Capitão Augusto, do PR paulista, ao renunciar ao cargo de vice-líder do governo na Câmara. Aos 52 anos, o líder da Bancada da Bala acredita que os partidos cozinharão Bolsonaro até a popularidade presidencial não servir mais como proteção. Daí chegará o dia de depor o ex-capitão. A menos, claro, que ele se conforme com o papel de rainha da Inglaterra. Ou dê uma de Jânio. Na terça-feira 21, uma pesquisa da consultoria Atlas Político para o *El País* mostrou que já há mais gente a achar o governo ruim ou péssimo (36%) do que regular (31%) ou bom e ótimo (28%).

“Ninguém vai mudar a natureza do presidente Bolsonaro. Ele tem uma natureza própria, ele tem uma idade já e não vai mudar de opinião”, afirmou o senador Omar Aziz, de 50 anos, do PSD do Amazonas, na sessão da terça-feira 21. Ele cobrou oficialmente aos ministros Onyx Lorenzoni (*Casa Civil*)



Winston Ling
8 min · 🌐

Rodrigo Maia, Davi Alcolumbre e Dias Toffoli, tirar esta foto com o prefeito de Nova Iorque Bill De Blasio, após este ter ofendido **Jair Messias Bolsonaro** e o povo brasileiro, é algo muito lamentável!



Os retratados nativos posam impávidos com De Blasio, prefeito de Nova York, que não quis receber Bolsonaro

e Santos Cruz que o presidente diga ao País quem são os parlamentares chantagistas, “porque o senhor está prevaricando ao esconder os nomes, e prevaricar é crime”. Seu colega Jorge Kajuru, do PSB de Goiás, de 58 anos, entrou com outro requerimento de informação ao Palácio do Planalto, para que o presidente diga quais foram os “conchavos” propostos ao governo, que partidos e parlamentares o fizeram, quem defende toma lá dá cá no Congresso e quem o impediria de governar.

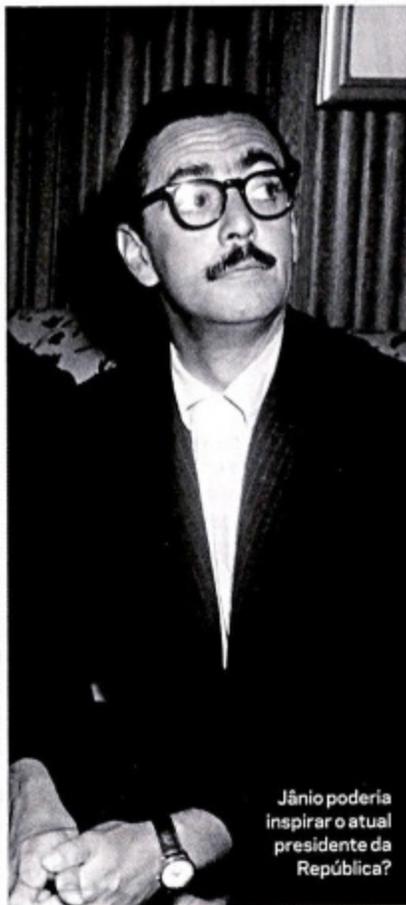
Para tentar contornar a má relação com os partidos grandes, Bolsonaro resolveu aproximar-se de uns nanicos, como Novo, PROS, Podemos e Pode, e até isso deu confusão. Recebeu deputados daquelas legendas em 14 de maio, véspera dos protestos contra cortes na verba das universidades federais. Ligou diante deles para o ministro Weintraub e mandou-o repor a verba. Os deputados saíram do Planalto e deram a boa-nova publicamente. Logo foram desmentidos



O líder de Bolsonaro na Câmara, major Vitor Hugo, é humilhado por aqueles que a líder Joyce Hasselmann namora

por Weintraub. Um deles ficou uma fera e subiu à tribuna da Câmara. Foi Capitão Wagner, do PROS, aos 40 anos campeão de votos no Ceará em 2018. Disse que ou o ministro ou Bolsonaro mentiu, escutou os filhos e o "guru" do ex-capitão, Olavo de Carvalho.

Outro recordista de votos em seu estado, Pastor Isidório, de 56 anos, do Avante da Bahia, acha que o País está um "desarranjo" e, na terça-feira 21, propôs em plenário uma solução. A Câmara devia enviar um emissário ao presidente e ele estava pronto para a missão. "Sou conhecido



Jânio poderia inspirar o atual presidente da República?

**"HÁ UMA CRISE
ECONÔMICA QUE,
INFELIZMENTE,
JÁ ATINGE
A SOCIEDADE
BRASILEIRA,
AUMENTA
DESEMPREGO
E POBREZA",
PROCLAMA MAIA**

VALTER CAMPANATO/ABR E REPRODUÇÃO/ÍDIA SOCIAL

como doido, e para conversar com um doido só outro doido." "Pusilânime, indeciso, vacilão", era como um conterrâneo de Isidório descrevia o presidente naquele momento no Senado, Otto Alencar, de 71 anos, do PSD. Colaborador crítico do governo, Alencar citou 14 exemplos de recuos ou contraordens presidenciais como prova de "pusilanidade". Na véspera, Bolsonaro tinha se superado. Pela manhã, dizia na Firjan que "o grande problema é a nossa classe política". À tarde, em evento no Palácio do Planalto, que "nós valorizamos, sim, o Parlamento".

Veterana em Brasília, deputada na Constituinte de 1988, a senadora capixaba Rose de Freitas, de 69 anos, do partido PODE, diz que o bolsonarismo criou um ambiente "ridículo" no Congresso. E fez um apelo a Alcolumbre na sessão do dia 21: "O senhor tem que atravessar essa rua e dizer lá (*no Planalto*) o nível de insatisfação que nós estamos vivendo aqui".

Entre direitistas, crescem a decepção e o arrependimento. O cantor Lobão disse recentemente ao *Valor* que Bolsonaro "não tem a menor capacidade intelectual e emocional para poder gerir o Brasil e que é óbvio que o governo vai ruir". Antes fã do ministro da Justiça, o diretor de cinema José Padilha parece outro. "O Moro passou de herói nacional a salame fatiado e entregue em pedaços (*por Bolsonaro*) para o Centrão, para aprovar a reforma da Previdência", afirmou à *Folha*. Em abril, publicara no jornal um artigo a esculhambar o ex-juiz, por ver no pacote anticrime de Moro um incentivo às milícias. O MBL, movimento de jovens, acha que toda a direita pagará pelo desastre do governo. Seu líder, Kim Kataguiri, deputado pelo DEM paulista, vê Bolsonaro

REPORTAGEM DE CAPA



rumo ao “abismo”. Resultado: foi caçado pelas milícias digitais bolsonaristas, aos gritos de “comunista!”

No partido do presidente, o PSL, havia quem achasse um erro sair às ruas no dia 26. Para Janaina Paschoal, deputada estadual mais votada em São Paulo, “as manifestações não têm racionalidade” nem “cabimento”, pois desejavam encurralar o Parlamento e o Judiciário. A deputada federal Joice Hasselmann,

líder do governo no Congresso, não via inteligência em atacar aqueles de quem o presidente depende.

Mas não faltava fanático disposto a marchar. O líder do PSL no Senado, o paulista Major Olímpio, gravou vídeos de internet a convocar para os atos. Idem a deputada paulista

General Eduardo Barboza, Dedeco Alves, Carla Zambelli, bispo Edir Macedo e Major Olímpio: eles acham que Bolsonaro corre perigo e precisa das ruas

Carla Zambelli, do PSL. Comandado pelo general Eduardo Barboza, o Clube Militar, da turma de pijama, exortou os filiados a ir às ruas. O mesmo fez um dos principais líderes caminhoneiros grevistas de 2018, Wanderlei Alves, o

A ÚLTIMA DO MINISTRO DO LARANJAL

SUSPEITA DE APROPRIAÇÃO DE FUNDOS ELEITORAIS EM 2016 E DE ABUSO DE PODER ECONÔMICO EM 2018



Marcelo Álvaro Antônio, ministro do Turismo

Adevassa na vida financeira e fiscal de Flávio Bolsonaro não é a única crise a mexer com a cabeça do presidente. O deputado Marcelo Álvaro Antônio estava ao lado de Jair Bolsonaro no momento da facada pré-eleitoral e ajudou a socorrê-lo. Hoje ministro do Turismo, está acuado no caso do laranjal do PSL mineiro. O Coaf identificou movimentação bancária suspeita de quase 2 milhões de reais em 2018.

Se a Polícia Federal e o Ministério Público Federal botarem lupa na campanha de Antônio a deputado por Minas no ano passado, vão encontrar algo estranho. E se vasculharem a campanha dele à prefeitura de Belo Horizonte em 2016, descobrirão mais. Tudo somado, pistas de apropriação de fundos eleitorais, um crime pelo Código Eleitoral, e de abuso de poder econômico.

Ao registrar-se candidato em 2018, Antônio declarou à Justiça Eleitoral

ter 400 mil reais em espécie. Não é incomum político com dinheiro vivo no patrimônio. Nem foi novidade para o ministro. Nas suas três eleições anteriores, ele tinha *cash*. Mas nunca tanto. Em 2012, possuía 83 mil reais ao eleger-se vereador em Belo Horizonte. Em 2014, 80 mil ao concorrer vitoriosamente a deputado federal. Em 2016, 105 mil ao tentar sem sucesso a prefeitura da capital mineira.

Nas quatro eleições, declarou sempre ter

Dedeco. O Brasil 200, grupo de empresários bolsonaristas, resolveu de última hora apoiar. Em um culto no domingo 19, o “bispo” Edir Macedo disse que era preciso “remover” quem tenta impedir Bolsonaro de governar. O próprio presidente divulgou a seus seguidores um vídeo em que é chamado de “escolhido de Deus” por um pastor congolês que mora na França, Steve Kunda. Tudo azeitado

**ATÉ O MUNDO
MINERAL SABE QUE
O GENERAL MOURÃO
SEMPRE ESTÁ EM
CONDIÇÕES DE
ENTRAR EM AÇÃO**



REPRODUÇÃO. SERGIO LIMA / AFP. VALTER CAMPANATO/ABR E JOSE CRUZ/ABR

por decisões presidenciais que facilitam o porte de arma, embora, na quarta-feira 22, ele tenha voltado atrás na liberação da compra de fuzis por civis.

Jogar as ruas contra o Congresso e o Supremo é uma estratégia “suicida” de Bolsonaro, pois põe em risco interesses econômicos poderosos bem representados em Brasília, diz o cientista político Claudio André de Souza, autor do livro *Para Onde Vai a Política Brasileira?*, de dezembro de 2018. Mas é coerente com o perfil autoritário do presidente e o que o livro chama de “autoritarismo social”. Apelar às redes sociais, uma espécie de praça virtual, pode até ter dado certo na eleição, mas sem chance de funcionar no governo, afirma Souza, vide o fato de Michel Temer ter resistido no cargo apesar da enorme rejeição popular e das denúncias por corrupção propostas pela PGR. Resta ver, diz ele, como reagirão daqui em diante os militares do governo e da ativa. Como se sabe, o general Hamilton Mourão, vice-presidente, está aquecido e pronto para entrar em campo. •

apenas mais dois bens, além da grana viva. Um apartamento de 360 mil em Belo Horizonte e 13 mil em cotas de uma empresa de consultoria em tecnologia da informação, a Voice Líder. Estaria na disputa de 2016 a explicação para Antônio ter tanto dinheiro em espécie em 2018?

Na campanha a prefeito, ele declarou ter gastado 1,2 milhão de reais. Sua maior despesa foi com a IPP Inteligência, Publicidade e Propaganda, 800 mil reais. Pagou a IPP com verba pública, do fundo partidário. Ele era do PR na época e recebera 1 milhão de reais da direção nacional da legenda, 80% de toda a sua arrecadação.

Marketing costuma ser o item mais caro de uma campanha. O estranho no caso de Antônio foi ele contratar uma empresa de outro estado para ajudá-lo em uma eleição municipal, um tipo de disputa que exige conhecimento da realidade e da política locais. A IPP é do Recife. Na eleição de 2016, não trabalhou para mais ninguém, conforme os registros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

CartaCapital perguntou ao ministro por que ele buscou em Pernambuco uma empresa de marketing para fazer campanha em Minas e sobre a origem dos 400 mil em espécie que declarou ter em 2018. Via assessoria, ele respondeu

que não iria se pronunciar.

Será que o pagamento de 800 mil à IPP em 2016 de algum modo voltou a Antônio? Seria violação do artigo 354-A do Código Eleitoral, inserido na lei em 2017: “Apropriar-se o candidato (...) de bens, recursos ou valores destinados ao financiamento eleitoral, em proveito próprio ou alheio” é um ato que custa de dois a seis anos de prisão.

E será que ele teria guardado a grana para usar na candidatura de deputado em 2018, outra eleição disputada sem doações empresariais, proibidas desde 2015? Configuraria abuso de poder econômico, situação que leva à cassação. Antônio informou

ao TSE que no ano passado botou do bolso, em sua campanha, 383 mil reais, um valor próximo dos 400 mil cash.

Na política, é comum ouvir-se que se há uma brecha capaz de viabilizar, digamos, heterodoxias eleitorais, é nos serviços de comunicação. Nas reportagens sobre o laranja do PSL mineiro, a *Folha* diz que candidatas do partido contrataram empresas ligadas a assessores de Antônio. Há gente do ramo comunicacional entre essas firmas. Por exemplo, a 19 Minas Assessoria e Comunicação, pertencente a Reginaldo Soares, irmão de um assessor do ministro, Robertinho Soares.